

UM ENSAIO PANORÂMICO SOBRE OS CETICISMOS DE ONTEM E DE HOJE

Rodrigo Pinto de Brito¹⁹⁶

Resumo: O texto que se segue é uma adaptação na forma de ensaio de uma conferência proferida em 31/10/2024 na UFSC a convite do prof. Jaimir Conte. O objetivo do texto é delinear aspectos do ceticismo antigo em contraponto a aspectos do uso ordinário do termo “ceticismo”, herdeiro de concepções modernas (sobretudo de um cartesianismo mal compreendido). Também pretendemos distanciar o ceticismo do negacionismo, evitando uma aproximação feita por Pritchard (2024), e esboçar considerações sobre o desenvolvimento dos estudos céticos no Brasil (sem pretendermos exaurir o assunto, obviamente).

Palavras-chave: ceticismo; filosofia brasileira; história da filosofia.

Resumen: El siguiente texto es una adaptación en formato de ensayo de una charla hecha em 31 de octubre de 2024 en la UFSC por invitación del profesor Jaimir Conte. El objetivo del texto es presentar aspectos del escepticismo antiguo en contraste con aspectos del uso común del término “escepticismo”, heredado de las concepciones modernas (especialmente de un cartesianismo malinterpretado). También pretendemos distanciar el escepticismo del negacionismo, evitando una aproximación hecha por Pritchard (2024), y presentar consideraciones sobre el desarrollo de los estudios escépticos en Brasil (sin pretender, obviamente, agotar el tema).

Palabras clave: escepticismo; filosofía brasileña; historia de la filosofía.

No ano de 2024 foi publicado aqui no Brasil e pela EdUNESP o livro de Duncan Pritchard *Ceticismo: uma brevíssima introdução*, que é uma versão em língua portuguesa da obra originalmente intitulada: *Scepticism: a very short introduction*, publicada pela Oxford University Press em 2019.

Como o próprio autor nos diz, o convite pela Oxford University Press para o projeto do livro se deu no mesmo momento em que ele foi convidado para atuar em um projeto de extensão da Universidade da Califórnia em Irvine, na qual leciona. Assim, inevitavelmente, o livro reflete as preocupações e

¹⁹⁶ Dedico este pequeno ensaio a todas as pessoas nele mencionadas, assim como a todas que venho orientando e que se juntam a nós nas fileiras dos estudos céticos. Obrigado. Agradeço também a Jaimir Conte por ter me convidado para dar a palestra que originou este ensaio, a Gabriel Geller, que tem se bandeado para os estudos céticos, e a William Piauú pela parceria. E-mail: www.rodrigobrito@gmail.com.

problemas que nortearam a abordagem de Duncan Pritchard sobre o ceticismo em seu curso de extensão. Aqui no Brasil estamos vivenciando uma reformulação dos currículos das graduações para acomodarem uma carga horária extensionista, e o nosso ideário de extensão é mais ou menos o mesmo do dos países de língua inglesa, embora eles operem a extensão com mais racionalidade e infraestrutura. Faz parte desse “ideário extensionista”, de um modo geral, a noção de que as questões levantadas no âmbito universitário devem ser dirigidas a um público que não necessariamente está na Universidade. Frequentemente, uma estratégia nesse sentido da divulgação da produção acadêmico-científica para pessoas mais ou menos leigas é abordar temas quentes ou “do momento”, e no momento em que Duncan Pritchard dava seu curso de extensão e redigia seu livro, alguns dos temas mais candentes eram fakenews, “fatos alternativos” e “pós-verdade”, todos componentes do tópico maior do “negacionismo” e em suas inúmeras vertentes: negacionismo da esfericidade da Terra, do pouso humano na lua, das mudanças climáticas, do holocausto e etc. Algo que logo após a publicação da versão original do livro, em inglês, e no hiato da publicação de sua tradução para o português se agravou ainda mais, ganhando a roupagem do negacionismo da pandemia da covid-19 e do consequente negacionismo da ciência, e por conseguinte, da vacina, implicando na perda de incontáveis vidas.

Então a abordagem de Duncan Pritchard do tema do ceticismo se insere nesse ambiente de exposição para não especialistas, tanto através de um curso de extensão quanto através de um livro, e também em um ambiente em que ele se sentiu convidado a responder aos negacionismos que vicejavam, como vicejam na cultura de massa no contexto de língua inglesa (com um recrudescimento agora, nesse instante, com o retorno de Donald Trump à casa Branca), mas que também vicejam no Brasil.

É assim que, convidado a pensar o tema do ceticismo e incomodado com os modos como o termo se infiltrou no senso comum e foi associado aos negacionismos que Duncan Pritchard pensa, a princípio, dois tipos de ceticismo: o primeiro, entendido como dúvida de tudo (um ceticismo “radical”, “amplo” ou “exagerado”); o segundo como uma espécie de ceticismo localizado. Para nós, a partir daqui, essa distinção será útil para pensarmos os ceticismos de ontem e de hoje, em um panorama. Começemos pela vertente “radical” do ceticismo.

Diz-se que um ceticismo é “radical” quando emprega um mecanismo dubitativo que se abate sobre a totalidade de todas as coisas, questionando sua existência de um modo robusto, e como nós próprios somos componentes do conjunto da “totalidade de todas as coisas”, esse ceticismo em alguma medida questiona nossa própria existência, duvidando ao menos de parte do que entendemos por ela. Pensado assim, com esse mecanismo dubitativo robusto embutido, o ceticismo “radical” é obra de Descartes, disposto sobretudo na primeira das suas *Meditações sobre Filosofia Primeira* e na quarta

parte do seu *Discurso do Método*. Mas nessas obras, como bem se sabe, a pretensão de Descartes é justamente vencer o ceticismo e conquistá-lo, buscando uma verdade tão segura que seja a ele imune e que possa servir como fundamento epistêmico para a descoberta de outras verdades, a saber, a existência inegável do “ser” que duvida enquanto e porque formula a dúvida.

Aqui, a artimanha argumentativa de Descartes foi ter pensado que sua vitória sobre o ceticismo seria tão maior quanto maior fosse o desafio cético proposto. Assim, ele hiperbolizou a dúvida fazendo-a incidir sobre o mundo externo, crendo que desse modo, com um adversário agigantado, seu triunfo também seria gigantesco. Mas a história humana é cheia de surpresas, e talvez para o desgosto de Descartes, a dúvida por ele proposta, “radical” e hiperbólica, foi mais longeva do que seu “cogito”, como bem notou Popkin (*The History of scepticism*, 1979¹⁹⁷ e 2003), e desde o séc. XVII até os dias de hoje uma grandíssima parte dos epistemólogos se debruça sobre modos de argumentar contra aquele ceticismo “radical” proposto por Descartes. Um bom exemplo de uma versão atual dos experimentos meditativos cartesianos que culminaram na formulação de uma dúvida radical é o experimento mental do “cérebro em uma cuba” (ou *brain in a vat*), formulado no séc. XX por Gilbert Harman e criticado, por exemplo, por Hilary Putnam. O experimento mental em questão descreve um cenário em que o cérebro de uma pessoa é extraído e colocado em um recipiente, plugado em cabos que lançam impulsos elétricos que estimulam nesse cérebro as impressões de uma realidade. A “pessoa” dona do cérebro, reduzida a um mero cérebro, teria a ilusão de ser uma pessoa em sentido amplo e de viver em mundo como o nosso, fazendo mais ou menos as coisas que fazemos, seria, em suma, uma pessoa como nós, e de fato, qualquer um de nós pode ser esse cérebro, sem nunca termos conhecimento efetivo sobre nossa condição de “iludidos” em um sentido forte.

Duncan Pritchard vê resquícios do experimento mental do cérebro em uma cuba em várias produções cinematográficas hollywoodianas de massa que foram relativamente bem-sucedidas, como a franquia *The Matrix* (que é uma versão atualizada do gênio maligno cartesiano na qual aquilo que se pensa ser a realidade é efetivamente realidade virtual, uma ilusão criada por máquinas), o filme *Inception* – bra. *A origem* – (em que há uma versão caleidoscópica do argumento do sonho, de Descartes) e etc. Creio que nisso Pritchard tem razão, pois o tópico da realidade ser algo simulado desperta nossa curiosidade e corresponde ao nosso anseio por respostas para perguntas sobre o porquê das coisas serem como são, ainda mais em um contexto de desilusão e de fatalismo.

¹⁹⁷ Essa versão, a primeira, menos abrangente que a segunda, foi traduzida para o português por Danilo Marcondes e publicada em 2000.

Mas como eu já disse antes, Pritchard vê em experimentos mentais como o gênio maligno e o argumento do sonho, elaborados por Descartes no séc. XVII ou o cérebro em uma cuba, elaborado por Gilbert Harman no séc. XX, as origens de um ceticismo radical que culmina na praga negacionista que vem contaminando o discurso político do séc. XXI. Se eu fosse expressar em termos de conjuntos, diria que sim, concordo com Pritchard que os experimentos mentais de Descartes e de Gilbert Harman pertencem ao conjunto de argumentos céticos radicais (e veremos mais para frente como esse chamado “ceticismo radical” difere de um parente seu, o ceticismo pirrônico). Mas discordo de Pritchard de que os negacionismos sejam expressão de qualquer tipo de ceticismo.

Meu desacordo se dá por várias razões e vou tentar ilustrar algumas delas. Em primeiro lugar, Pritchard defende que o ceticismo radical convida ao relativismo, e ele talvez esteja relativamente certo aqui, mas parece que entende “relativismo” como uma espécie de subjetivismo individualista, quando há outros tipos de relativismo que levam em conta dinâmicas coletivas e que não são individualistas, mas talvez intersubjetivistas. Em segundo lugar, contra esse relativismo subjetivista e individualista, ele parece requerer uma noção de verdade por correspondência, ignorando outras noções possíveis de verdade, como a pragmática, o coerentismo e etc, que não necessariamente se opõem a um certo relativismo. Não vou me aprofundar aqui no tópico das noções de relativismo e de verdade implícitos na prosa de Pritchard no livro sob análise, por isso implicar em um desvio do nosso assunto, mas gostaria de enfatizar uma terceira razão pela qual discordo da ideia dele de que os negacionismos resultam do ceticismo radical.

Essa terceira razão é que me parece que, em vez de meramente questionarem um fato considerado real, como o Holocausto, a pandemia de covid-19 ou a esfericidade da Terra, os negacionistas não param por aí e defendem ativamente outro conjunto de crenças, afirmando ainda que quem crê no contrário de seu conjunto de crenças está iludido por alguma conspiração X qualquer sobre a qual somente eles sabem. Peguemos o exemplo do negacionismo do holocausto. Negacionistas do holocausto, por definição, negam que ele tenha existido (não simplesmente duvidam, questionam ou investigam sua existência, ou os modos como ele se deu), mas o negam. A partir disso afirmam que quem assume que o holocausto existiu está iludido por argumentos propagados por alguma força oculta e são fantoches nas mãos dessa força oculta, composta por conspiradores que buscam algum tipo de poder ou de lucro com a manipulação das crenças. Os negacionistas, por outro lado, acham que sabem a verdade: nesse caso, que o holocausto não existiu, e por isso acham que também estão imunes à manipulação. Os negacionistas se veem como pessoas especiais, despertas por algum suposto conhecimento verdadeiro que a elas chegou, aderem a esse suposto conhecimento e por isso rejeitam a verdade: que o holocausto

existiu e matou mais de 6 milhões de judeus, cerca de 220 mil ciganos (roma e siti) e milhares de homossexuais, pessoas trans e comunistas, entre outras vítimas.

Então, o comportamento dos negacionistas não se define pelo questionamento ou pela investigação, em vez disso se define pela adesão cega e peremptória a um conjunto torpe de crenças, por uma visão de mundo distorcida e pela defesa obtusa ou de má-fé dessas mesmas crenças torpes e visão de mundo distorcida, com objetivos práticos escusos na esfera da atuação política. Qualificado assim, o negacionismo é uma patologia aguda epistêmica, e moralmente falando, uma espécie de hiperdogmatismo ultra-maligno que só pode ser curado por algum tipo de ceticismo. É que se os negacionistas efetivamente fossem minimamente céticos, talvez questionassem também o seu sistema de crenças negacionistas, o investigariam e assim poderiam se dar conta de sua total absurdidade, evitando suas consequências práticas, que oscilam entre o ridículo (como orar para pneus) e o perigoso (como afirmar fraude eleitoral sem provas).

Se posso ainda crer em alguma coisa, creio que, por ora, basta do ceticismo chamado de “radical” por Pritchard. Resta falar do tal “ceticismo localizado” que ele também propõe. Mas eu gostaria que retivessem, para essa etapa do nosso argumento, algumas coisas da etapa anterior: 1– que prometi falar do ceticismo pirrônico, 2 – que, ao propor que o negacionismo não é resultado do ceticismo radical, eu não neguei que haja um ceticismo radical dubitativo e nem me expressei em sua defesa (de fato, pendo mais para o pirronismo), mas apenas defendi que este negacionismo é uma patologia dogmática, 3 – que, ao tratar do negacionismo enquanto patologia dogmática, eu propus que um certo ceticismo poderia servir como uma espécie de terapia contra ele.

Assim, nesta segunda parte do meu argumento, o que pretendo fazer é tratar desses temas de um modo concatenado. Começarei pelo tópico do “ceticismo localizado”. Em seu livro, Pritchard não rejeita todo e qualquer ceticismo, apenas aquele que ele acha exagerado, radical e hiperbólico, pois, segundo ele, convida a um relativismo (que ele não define, mas que pelas entrelinhas parece ser um subjetivismo individualista) que rejeita uma noção de verdade (que ele tampouco define, mas que parece ser uma noção de verdade por correspondência), e isso acarretaria uma perda absoluta de parâmetros que, por conseguinte, alimenta os negacionismos. Por outro lado, ele não só não rejeita como de fato defende a necessidade de haver um ceticismo brando, localizado e que seja sobre proposições específicas, e não sobre um conjunto de proposições. Esse ceticismo, que é uma espécie de cautela epistêmica, ele considera saudável. Na história da filosofia, isso que Pritchard chama de ceticismo localizado é também conhecido como “ceticismo mitigado” e comparece, por exemplo, em Hume¹⁹⁸, e consiste sumariamente

¹⁹⁸ Ver SMITH, 2011.

em uma forma de ceticismo que não exclui um certo realismo que crê que há objetos no mundo e que as percepções de algum modo representam esses objetos. Da minha parte, penso que o que deve ser enfatizado aqui é que é possível, sim, pensar um ceticismo que não redunde em uma dúvida absoluta sobre a existência do mundo externo, mas não porque este ceticismo seja mitigado, como parece ser o ceticismo de Hume, mas porque ele opera sem os conceitos de “dúvida” e de “mundo externo”. Este ceticismo se encontra na antiguidade e é o ceticismo pirrônico, e agora chegamos no momento de cumprir uma promessa feita mais cedo e falar sobre essa modalidade de ceticismo.

O Pirronismo, ou ceticismo Pirrônico, é o resultado filosófico de um somatório de séculos de questões protocéticas, chamadas assim por serem questões que fomentam algum ceticismo, mas que foram propostas por filósofos não céticos e em um período da história da filosofia em que ainda não havia uma tradição cética consolidada. Assim, por exemplo, de Xenófanos, os pirrônicos herdaram a noção de que o conhecimento humano tem limites; de Heráclito a percepção da dubiedade das coisas; de Parmênides, uma desconfiança dos sentidos; dos médicos proto-empíricos, uma desconfiança da razão; dos sofistas, herdaram o apreço pelo debate, um certo convencionalismo e um certo relativismo; de Sócrates, herdaram a indagação constante; dos atomistas tardios e de Crátilo, a ideia (tornada popular no séc. XX por meio de Wittgenstein) de que “sobre o que não se pode falar, se deve calar”, ou seja, um certo quietismo. Mas esses pensadores não eram céticos estrito senso, pois tinham, talvez exceto Sócrates, alguma doutrina filosófica, e ainda que em algum momento tenham tido um certo arroubo cético, era um mero arroubo, e necessário na constituição de suas posições, de suas doutrinas, e por isso eles são qualificados como dogmáticos, e não como céticos¹⁹⁹.

Efetivamente, o ceticismo começa a ser organizado como uma postura filosófica minimamente consistente a partir de Pirro, um filósofo originalmente atomista do séc IV a.C. e que viaja à Índia como parte do séquito de Alexandre o Grande, vivendo lá tempo suficiente para ter voltado para sua cidade, Élis na Grécia, transformado. Já que ele não escreveu nada, precisamos reconstruir sua filosofia por indícios, opiniões e relatos de outros pensadores que afirmam que Pirro teria vivido impassível e indiferente, tanto quanto possível, fazendo trabalho doméstico que seria comumente atribuído a mulheres ou a escravos, sem se importar com essas distinções de gênero e de classe, que caminha sozinho, tranquilo, por dias a fio e que assim, com o tempo, pelo exotismo de sua vida, conseguiu aglomerar em torno de si alguns convivas, amigos que passavam o dia-a-dia com ele e que fizeram parte da leva dos

¹⁹⁹ Para mais sobre isso, ver: BRITO, 2022.

primeiros “céticos”. Dentre eles vale a pena mencionar Nausífanos, que foi mestre de Epicuro, e Timão de Fliunte, que escreveu poemas laudatórios a Pirro²⁰⁰.

Por outro lado, houve também quem afirmasse que o indiferentismo de Pirro o levava a uma vida perigosa, pois ele seria incapaz de julgar entre situações arriscadas ou não, já que era indiferente às distinções, e isso punha sua vida em risco, o fazendo não ter critério para se desviar de uma carruagem em velocidade ou de um precipício. Embora essas afirmações sejam caricaturas muito exageradas, já que se Pirro realmente se portasse de modo tão temerário dificilmente teria vivido cerca de 90 anos, elas expressam o senso comum “filosófico” e dogmático de que o ceticismo em alguma medida atrapalha a vida prática. Isso comparece também, e sobretudo, no período moderno, tanto em Descartes (que dizia que precisava aderir a uma moral provisória, dadas as incertezas causadas pela sua dúvida hiperbólica²⁰¹), quanto em Hume (que dizia que o ceticismo, levado a sério, conduz as pessoas ao mais deplorável estado de inação, daí sua proposta de mitigá-lo²⁰²).

Mas, como na própria antiguidade houve quem acusasse o ceticismo de conduzir à inatividade, alguns acadêmicos que no séc. XX enveredavam por aquilo que venho chamando de “estudos céticos” (algo fomentado, me parece, sobretudo a partir da publicação por Brochard de *Os céticos gregos*, no fim do séc. XIX, livro que aliás foi excelentemente traduzido por Jaimir e publicado aqui no Brasil pela Odysseus, Jaimir que também traduziu *Sexto empírico e o ceticismo grego*, de Mary Mills Patrick, outra obra importante). Bem, voltando aos acadêmicos no séc. XX que eu mencionava antes, alguns deles, como Mylles Burnyeat, Michael Frede e Jonathan Barnes tomaram o tema dos limites e possibilidades do Pirronismo como central para se compreender a filosofia de Sexto Empírico, filósofo/médico do séc. III d.C²⁰³.

Sexto é o mais importante representante do Pirronismo, nos deixou *Esboços Pirrônicos* (em 3 livros, usualmente abreviados em PH ou em HP), *Contra os Dogmáticos*, em 5 livros (a saber: *Contra os Lógicos 1 e 2*, *Contra os Físicos 1 e 2* e *Contra os Éticos*, usualmente abreviados em M 7-11) e *Contra os Professores*, em 6 livros (a saber: *Contra os gramáticos*, *Contra os retóricos*, *Contra os Aritméticos*, *Contra os Geômetras*, *Contra os Astrólogos* e *Contra os Músicos*, usualmente abreviados em M 1-6 e alguns deles traduzidos aqui no Brasil por mim e por Rafael Huguenin e publicados pela EdUNESP em um projeto que inclui também traduções de Hipócrates e de Galeno).

²⁰⁰ Ver DL 9. 64-107.

²⁰¹ Ver a terceira parte do *Discurso do método*.

²⁰² Ver HUME, *Tratado* 1.4.7.8 e *Investigação* 12.2.23.

²⁰³ Ver BURNYEAT & FREDE, 1997.

Sua obra principal, *Esboços Pirrônicos*, é bastante desafiadora para os intérpretes, que buscam entender, entre outras coisas, como opera aquilo que Sexto chama a conduta cética, que consiste, nos diz ele, de algumas etapas: primeiramente, sobre um tema X, o cético investiga; em segundo lugar, tendo investigado, o cético descobre que as respostas são mutuamente excludentes e conflitantes; depois, ele se vê como incapaz de aderir a uma resposta em detrimento de outra, já que todas elas são simultaneamente tão persuasivas quanto dissuasivas, assim ele se encontra em estado de aporia e é levado a não julgar (ou a suspender o juízo ou reter o assentimento) quanto a essas respostas; em seguida, em vez de essa impossibilidade de responder às indagações que faz sobre o tema X o levar a uma espécie de inquietude, ele chega, casualmente à imperturbabilidade, que se segue à suspensão de juízo como uma sombra segue um corpo²⁰⁴.

Quanto ao problema da vida prática do cético, o debate no qual se envolveram Burnyeat, Frede e Barnes desde o começo da década de 1980 até o começo da de 1990 diz respeito ao sentido do “X” acerca do qual o cético investiga e sobre o qual ele suspende o juízo. Assim, se ele investiga somente acerca de filosofia, ciências ou temas teóricos, ele suspende o juízo só sobre isso e então, no âmbito prático sua vida está preservada. Essa interpretação foi defendida por Frede e é chamada de urbana, mas possui anacronismos que não vou discutir aqui e que foram mostrados por Burnyeat. Por sua vez, Burnyeat defendeu que o “X” contém tanto afirmações feitas em âmbito filosófico e científico quanto no âmbito da vida comum, portanto, a suspensão cética de juízo, em sentido sextiano, deve abranger todos esses âmbitos, logo a vida comum não estaria imune ao ceticismo, que a tornaria impossível de ser vivida na prática (caso ele seja vivido em sua integridade).

Cansados desse debate, pesquisadores das gerações seguintes propuseram outras abordagens. Dentre elas, aqui no Brasil, podemos mencionar o neopirronismo de Oswaldo Porchat²⁰⁵, que influenciou uma série de outros pensadores, por exemplo Plínio Smith²⁰⁶, Roberto Bolzani²⁰⁷ e Vitor Schwartz²⁰⁸. Outro pensador brasileiro a propor uma alternativa é Danilo Marcondes, que tentou compreender importantes etapas do argumento sextiano a luz da teoria dos atos de fala de Austin e da pragmática da

²⁰⁴ Ver PH 1. 25-30.

²⁰⁵ De um modo geral, uma compreensão da concepção neopirrônica de Porchat pode ser adquirida pela leitura de PORCHAT, 1994 e PORCHAT, 2007.

²⁰⁶ Plínio algumas vezes propôs interpretações da filosofia de Porchat que podem ser encontradas em SMITH, 2015 e SMITH, 2018. Seu trabalho há algum tempo se estende no sentido de tentar desenvolver chaves de leitura para pensadores da tradição cética, como Sexto Empírico, em SMITH, 2022.

²⁰⁷ Bolzani é autor de uma obra já clássica sobre as relações entre diferentes tipos de ceticismo na antiguidade (BOLZANI, 2012). Em um artigo recente seu, ele tematiza o surgimento do filósofo cético, ou seja, o que faz de alguém um cético em sua atividade filosófica (BOLZANI, 2024).

²⁰⁸ Vitor vem trabalhando questões políticas atreladas ao ceticismo (SCHWARTZ, 2024). Outros pensadores que também operam no binômio ceticismo e política são Renato Lessa (há uma coletânea recente de seus artigos: LESSA, 2024) e Cesar Kiraly (KIRALY, 2013).

linguagem do segundo Wittgenstein²⁰⁹. Suas hipóteses argumentativas me inspiraram e conduziram à elaboração de uma interpretação “suburbana” que propõe algo entre os rústicos e os urbanos, decifrando o livro I dos esboços pirrônicos como contendo: 1– uma noção pragmática e não referencialista de linguagem que, 2 – parametriza uma virada epistêmica que não depende de valores de verdade e de falsidade e que conduz a 3 – uma parametrização da ação em geral, incluindo as ações de comunicar e de conhecer, através de valores comunais que, 4 – funcionam melhor quanto mais horizontalizada for a sociedade, em uma espécie de “sociedade cética”, haja vista o projeto “anarquista epistêmico” que pode ser abstraído de inúmeras passagens do livro I dos *Esboços*, como por exemplo dos “tropos de Enesidemo”. Mas isso é papo para outra ocasião²¹⁰...

Descrito nos termos acima, esse ceticismo sextiano não é mitigado, é possível de ser vivido na prática apesar de sua radicalidade, pois essa radicalidade não envolve o binômio “dúvida” e “mundo externo”. De fato, ao menos desde Hegel já se sabe que o ceticismo não é uma doutrina da dúvida, já que ele afirmou que não há ocorrências de dúvida no ceticismo grego, em seus debates com Schulze, que se autodenominava Enesidemo, aludindo ao célebre autor dos tropos, mas que defendia uma dúvida radical. Na verdade, o termo *dubitare* ocorre somente em Cícero quando este trata de verter para o latim uma série de mecanismos e conceitos gregos inerentes aos ceticismos que o antecediam, como o verbo *aporein* (do substantivo *aporia*, que ao pé da letra significa: “sem caminho”). Este conceito de *dubitare*, proposto por Cícero, é ausente dos ceticismos gregos, como por exemplo o sextiano, mas influenciou por exemplo Agostinho, que no livro X de seu *De Trinitate*, ao investigar a ideia de “alma”, afirma que não obstante não se ter certeza sobre o que é alma e de se duvidar de sua existência, o ato mesmo de dela duvidar revela que ela existe, pois só um sujeito que possui alma pode dela duvidar. Tem-se aí assim uma espécie de protocogito.

Aqui no Brasil, quem primeiro se deteve na centralidade do conceito de dúvida no debate entre Schulze e Hegel foi o professor Luiz Bicca²¹¹. Depois, uma espécie de arqueologia da dúvida foi proposta por Alexandre Skvirsky²¹² em seu Doutorado, sob orientação de Danilo Marcondes (Alexandre com quem, aliás, traduzi o livro de Pritchard que comentei). Por sua vez, Danilo Marcondes recentemente publicou um interessantíssimo livro sobre esse assunto, chamado *Raízes da dúvida* (MARCONDES, 2019).

²⁰⁹ Ver MARCONDES, 1994 e MARCONDES, 1996. Recentemente vem se dedicando a investigar as influências do ceticismo sobre as discussões modernas acerca da linguagem (MARCONDES, 2020) e à tese da descoberta do Novo Mundo como um tropo cético na modernidade (MARCONDES, 2024).

²¹⁰ Ver BRITO, 2021 e BRITO, 2022.

²¹¹ Ver BICCA, 2010.

²¹² Ver SKVIRSKY, 2015 e SKVIRSKY, 2015a.

Mas em sentido cartesiano, o duvidar é do mundo externo, e se já sabemos que não há dúvida em Sexto, tampouco há um conceito de mundo externo. Na verdade, as ocorrências de *external objects* que ocorrem em traduções inglesas, como a de Annas e Barnes e sobretudo a de Bury são resultado de interpretações equivocadas de termos para verter o par conceitual *huparkon* e *hupokeimenon*, que significam, grosso modo “subjacente”²¹³. Assim, sem dúvidas sobre os objetos externos, o cético pirrônico sextiano possuiu questões e faz investigações. Os dogmáticos também, mas como corolário das investigações, esses dogmáticos afirmam que conhecem as coisas que subjazem às percepções, as coisas em si, para além das circunstâncias em que aparecem. Por outro lado, o cético compreende que para além das aparências e como que abstraindo a partir delas, parece ser impossível saber como as coisas são em si mesmas, já que isso seria não-evidente.

O cético, assim, munido dessa compreensão e livre da necessidade de assentir a afirmações sobre coisas que não são evidentes, liberta-se também da pretensão de afirmar como essas coisas seriam. A partir daí é capaz, caso queira, de propor o ceticismo como uma espécie de terapia, seja pelo exemplo de uma vida vivida tranquilamente, que pode cativar os intranquilos dogmáticos, seja ativamente questionando as crenças dos dogmáticos e propondo contra-argumentos brandos para os dogmatismos brandos, e fortes para os dogmatismos fortes, como, nos dias de hoje, o negacionismo.

Mas, nem só de pesquisadores homens sobrevivem os estudos céticos brasileiros, haja vista a perene participação de Gisele Amaral²¹⁴ e a crescente de Alice Haddad²¹⁵ dos debates, bem como as contribuições de Ana Paula El-Jaick ao tema das interfaces entre ceticismo e linguagem²¹⁶.

Agora, se nos propomos a pensar os ceticismos de ontem e de hoje, cabe também tentar projetar um ceticismo para o futuro, e reconhecer os limites atuais dos estudos céticos para superá-los. Assim, efetivamente, parece que o futuro do ceticismo no país depende em grande parte de seus estudos serem mais inclusivos no que diz respeito ao gênero e a raça, e também de uma descentralização do quadro de pesquisadores, ainda mais para além do eixo sudestino. Essas são agendas a serem implementadas nos próximos anos²¹⁷.

²¹³ Ver BRITO, 2024.

²¹⁴ Gisele vem há tempos atuando no GT Ceticismo da ANPOF, participando e organizando eventos e orientando discentes. Um bom exemplo de seu estilo de proza pode ser encontrado em AMARAL, 2018.

²¹⁵ Ver de Alice dois artigos que se concentram em analisar *Contra os físicos*: HADDAD, 2022 e HADDAD, 2020. Versátil, atualmente ela vem se dedicando a pensar o ceticismo em interface com outras filosofias antigas (HADDAD, 2024).

²¹⁶ Um exemplo emblemático é EL-JAICK, 2014.

²¹⁷ Esse último parágrafo é uma tentativa ainda muito incipiente de responder à excelente questão a mim posta pelo grande amigo Pedro Carné após a apresentação da palestra que originou este texto.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO. *De trinitate. Livros IX-XIII*. ESPÍRITO SANTO, A.; DIAS, D. L.; BEATO, J.; PIMENTEL, M. C. (trads.). Covilhã: LusoSofia.net, 2007.
- AMARAL, G. A não-asserção permite que o cético fale? In: *Sképsis*, vol. IX, n. 17, 2018, p 1-7.
- BICCA, L. O ceticismo de Schulze como crítica do idealismo pós-kantiano. In: *O que nos faz pensar*, 2010, pp. 111-130.
- BOLZANI, R. *Acadêmicos versus pirrônicos*. São Paulo: Alameda Editorial, 2012.
- _____. Considerações sobre a gênese do filósofo cético. In: XAVIER, G. G.; MOTTA, G. D. (orgs.). *Metafísica e ceticismo: Platão, Aristóteles e Sexto Empírico*. Curitiba: Kotter Editorial, 2024.
- BRITO, R. P. Esbozos Suburbanos (ni Rústicos ni Urbanos). In: ORNELAS, J. (org.). *Rústicos versus Urbanos. Disputas em torno a la interpretación del Escepticismo Pirrónico*. Cidade do México: Universidad Autónoma de México. 2021.
- _____. *The Skeptical Dynamis and its Pragmatic Possibilities*. Cham: Springer, 2022.
- _____. Sexto Empírico sobre os ‘subjacentes/substratos’: para entender melhor a presença antitética de Aristóteles na filosofia sextiana da linguagem. In: *Sképsis*, vol. XV, n. 30, 2024, p. 1-12.
- BROCHARD, V. *Os céticos gregos*. CONTE, J. (trad.). São Paulo: Odysseus, 2010.
- BURNYEAT, M.; FREDE, M. (eds.). *The Original Sceptics: A Controversy*. Cambridge: Hackett Publishing Co, 1997.
- DESCARTES, R. *Meditações sobre filosofia primeira*. CASTILHO, F. (trad.). Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- _____. *Discurso do método & Ensaio*. MARICONDA, P. R. (trad.). São Paulo: EdUNESP, 2018.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. KURY, M. G. (trad.). São Paulo: Madamu, 2024.
- EL-JAICK, A. P. G. *Um cético contra os gramáticos*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2014.
- GALENO, C. *Sobre as escolas de medicina para os iniciantes*. BRITO, R. P.; MATSUI, S. (trads.). São Paulo: EdUNESP, 2022.
- HADDAD, A. B. O Aristóteles de Sexto no *Contra os físicos*: a noção de deus e a *eutaxía*. In: *Sképsis*, vol. XI, n. 21, 2020, p. 17-25.
- _____.; RODRIGUES DA SILVA, J. G. A suspensão do juízo sobre a existência dos deuses em *Contra os físicos*. In: *Sképsis*, vol. XIII, n. 24, 2022, p. 63-92.

- _____. Platão e o ceticismo. Alguns caminhos para se pensar essa relação. In: XAVIER, G. G.; MOTTA, G. D. (orgs.). *Metafísica e ceticismo: Platão, Aristóteles e Sexto Empírico*. Curitiba: Kottter Editorial, 2024.
- HARMAN, G. *Thought*. Princeton: Princeton University Press, 1973.
- HIPÓCRATES. *Sobre a medicina antiga*. BRITO, R. P.; HUGUENIN, R.; SUSSUMO, M. (trads.). São Paulo: EdUNESP, 2024.
- HUME, D. *A Treatise of Human Nature* (L. A. Selby-Bigge, Ed. and P. H. Nidditch, Rev.). Oxford: Oxford Universty Press, 1978.
- _____. *An Enquiry Concerning Human Understanding* (P. Millicam, Ed.). Oxford: Oxford World Classics, 2008.
- KIRALY, C. *Ceticismo e política*. São Paulo: Giz Editorial, 2013.
- LESSA, R. *Ceticismo em movimento*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2024.
- MARCONDES, D. A ‘felicidade’ do discurso cético: o problema da auto-refutação do ceticismo. In: *O que nos faz pensar*, v. 6, n. 08, 1994.
- _____. Finding One’s Way about: High Windows, Narrow Chimneys, and Open Doors. Wittgensteins’s “Scepticism” and Philosophical Method. In: POPKIN, R. (ed.) *Scepticism in the History of Philosophy. International Archives of the History of Ideas / Archives Internationales d’Histoire des Idées*, vol 145. Dordrecht: Springer, 1996.
- _____. *Raízes da dúvida: ceticismo e filosofia moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- _____. *Skepticism and Language in Early Modern Philosophy: The Early Linguistic Turn*. Lanham: Lexington Books, 2020.
- _____. *Skepticism in the new world: the anthropological argument and the emergence of modernity*. Lanham: Lexington Books, 2024.
- PATRICK, M. M. *Sexto Empírico e o ceticismo grego*. CONTE, J. (trad.). Florianópolis: cfh.ufsc, 2010.
- POPKIN, R. *The History of Scepticism from Erasmus to Spinoza*. San Diego: University of California Press, 1979.
- _____. *Historia Do Ceticismo - De Erasmo A Spinoza*. MARCONDES, D. (trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.
- _____. *The History of Scepticism: From Savonarola to Bayle*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- PORCHAT, O. *Vida comum e ceticismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- _____. *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: EdUNESP, 2007.

PRITCHARD, D. *Ceticismo: Uma brevíssima introdução*. BRITO, R. P.; SKVIRSKY, A. (trads.). São Paulo: EdUNESP, 2024.

_____. *Scepticism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

PUTNAM, H. Brains in a Vat. In: *Reason, Truth And History*. Cambridge: Cambridge University Press, s/d.

SCHVARTZ, V. Pirronismo radical e política. In: XAVIER, G. G.; MOTTA, G. D. (orgs.). *Metafísica e ceticismo: Platão, Aristóteles e Sexto Empírico*. Curitiba: Kotter Editorial, 2024.

SEXTO EMPÍRICO. *Contra os retóricos*. BRITO, R. P.; HUGUENIN, R. (trads.). São Paulo: EdUNESP, 2013.

_____. *Contra os gramáticos*. BRITO, R. P.; HUGUENIN, R. (trads.). São Paulo: EdUNESP, 2015.

_____. *Contra os astrólogos*. BRITO, R. P.; HUGUENIN, R. (trads.). São Paulo: EdUNESP, 2019.

_____. *Complete Works*, 4 vols. BURY, R. G. (trad.). In: Loeb Classical Library. Cambridge: HUP, 2006.

_____. *Outlines of Scepticism*. ANNAS, J.; BARNES, J. (eds.) Cambridge: CUP, 2000.

SKVIRSKY, A. A. O uso filosófico da dúvida nos *Academica* de Cícero. In: *Prometeus*, julho dezembro de 2015, vol. 8, ano 8, nº 18, pp. 229-242.

_____. *A introdução da dúvida no ceticismo no Renascimento*. Tese de Doutorado, PUC-Rio. Orientador: MARCONDES, Danilo. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015a.

SMITH, P. Hume on Skeptical Arguments. In: MACHUCA, D. (ed.). *Pyrrhonism in Ancient, Modern, and Contemporary Philosophy*. Cham: Springer, 2012.

_____. *O neopirronismo de Oswaldo Porchat*. São Paulo: Alameda Editorial, 2015.

_____. *Uma visão cética de mundo: Porchat e a filosofia*. São Paulo: EdUNESP, 2018.

_____. *Sextus Empiricus' Neo-Pyrrhonism: skepticism as a rationally ordered experience*. Cham: Springer, 2022.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. SANTOS, L. H. L. (trad.). São Paulo: Edusp, 2017.